

americana) para as rochas estudadas. Tal resultado está em franco desacordo com a idade mesopensilvaniana (Desmoinesiano na coluna norte-americana e Westfaliano D na europeia) até então atribuída à formação Itaituba.

\* PETROBRÁS-CENPES-DIVEX  
CID. UNIVERSITÁRIA, QD. 7 - ILHA DO FUNDÃO  
20910 - RIO DE JANEIRO - RJ - BRASIL

\*\* MIDDLE EAST TECHNICAL UNIVERSITY  
DEPARTMENT OF GEOLOGICAL ENGINEERING  
POSTA KOD : 06531 - ANKARA - TURQUIA

#### PALEOBIOGEOGRAFIA E EVOLUÇÃO DOS BIVALVES NEOPALEOZÓICOS DA BACIA DO PARANÁ, BRASIL

Marcello G. Simões<sup>1</sup>

&

A. C. Rocha-Campos<sup>1</sup>

A análise da distribuição, composição e possíveis afinidades dos bivalves Neopaleozóicos dos grupos Tubarão e Passa Dois (Carbonífero Médio/Superior-Permiano Superior) indica que o seu desenvolvimento ocorreu, provavelmente, sob a influência de fatores biogeográficos envolvendo períodos de caráter transgressivo e regressivo que acompanharam o gradual isolamento geográfico da Bacia do Paraná. O esquema básico envolveria, grosso modo, sucessivas introduções de formas imigradas, durante os episódios de caráter transgressivo do Neopaleozóico, e evolução *in situ* com diversificação, principalmente durante fase regressiva da parte final do Permiano, possivelmente sob condições de alto "stress" ambiental.

A maior parte da fauna de bivalves do Subgrupo Itararé consiste de gêneros cosmopolitas, possivelmente introduzidos durante a transgressão marinha eoperniana. Sua baixa diversidade poderia resultar das condições glaciais então existentes. Mais diversificadas são as assembleias associadas às facies transgressivas que marcam o término da glaciação, constituídas por formas cosmopolitas, em grande parte imigrantes, e raras representantes de gêneros tipicamente gondvânicos, tais como os megadesmídeos. O

caráter gondvânico é mais acentuado nas assembleias dos depósitos transgressivos da parte média da Formação Rio Bonito, e da Formação Palermo. O reduzido número de taxons inclui gêneros já registrados no Neopaleozóico da Bacia do Paraná, acompanhados de novas formas, provavelmente imigrantes.

Durante o episódio eufínico representado pela Formação Irati (Permiano Superior), as condições ecológicas foram desfavoráveis à fauna bentônica de bivalves; embora possível, seu confinamento às facies marginais rasas, oxigenadas carece de comprovação. O retorno às condições de águas oxigenadas, durante a deposição das formações Serra Alta, Terezina e equivalentes, coincide com outra fase de diversificação dos bivalves. A fauna, com expressivo número de megadesmídeos, exibe um alto grau de endemismo, incluindo alguns elementos afins a gêneros pré-existentes. Outros, entretanto, têm relações distantes com estoques neopaleozóicos cosmopolitas não registrados na Bacia do Paraná, sendo possivelmente introduzidos durante a fase de dispersão pós-Irati. O caráter regressivo da sedimentação neoperniana representada pela Formação Terezina e equivalentes, e as condições de alto "stress" ambiental associadas poderiam explicar o desenvolvimento *in situ* de novos taxons. A acentuação do isolamento da Bacia do Paraná, no final do Permiano, é acompanhada pela extinção da maioria dos taxons. Raríssimas formas afins aos megadesmídeos, contudo, sobreviveram, adaptando-se às condições predominantemente continentais que encerram a sequência sedimentar neopaleozóica.

<sup>1</sup> Instituto de Geociências - USP, Departamento de Paleontologia e Estratigrafia.

#### CONCHOSTRÁCEOS DA FORMAÇÃO RIO DO RASTO (BACIA DO PARANÁ, PERMIANO SUPERIOR): BIOESTRATIGRAFIA E IMPLICAÇÕES PALEOAMBIENTAIS<sup>1</sup>

Rosemarie Rohn<sup>2</sup>

Oscar Rösler<sup>3</sup>

A distribuição de 12 espécies de conchostiráceos da Formação Rio do Rasto (membros Serpinha e Morro Pelado), de acordo com a provável posição estratigráfica das 68 localidades de coleta no Estado do Paraná e de uma no extremo norte de Santa Catarina, permite discriminar pelo menos 7

syms = 0795677

congresso Brasileiro de Paleontologia, 11, 1989, Curitiba.  
Resumos